

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

Programa 1

IDENTIDADE e NATUREZA

Silviano Santiago [Ensaísta e escritor]

A carta de Pero Vaz Caminha, que é primeiro documento em língua portuguesa sobre essa região a que hoje chamamos Brasil, ao lê-la a gente percebe que se trata de uma belíssima alegoria, quer dizer, nada tem a ver com o real tendo tudo a ver com real.

Beatriz Resende [Crítica literária]

Quando vocês falam em alegorias já ficou uma coisa plural, uma ideia dividida, fracionada, todo contrário dos símbolos, né, do simbólico e mesmo de mito. Eu acho que a gente falar em alegorias do Brasil é mais mutável, é mais contemporâneo.

Silviano Santiago [Ensaísta e escritor]

Que a alegoria ela dá conta não da história de um determinado momento, ela vai dar conta de uma história cuja duração é bastante longa e parece que nunca termina.

Beatriz Jaguaribe [Ensaísta e escritora]

Isso já está presente naquele imaginário barroco que veio de Portugal e que depois se tropicaliza aqui e que se converte naquela alegoria carnavalesca que é você não ter aquela pureza do símbolo mas você ter camadas de interpretação so... Sobrepostas, né.

Fred Coelho [Historiador]

Engraçado que a primeira alegoria que vem na cabeça é da escola de samba, né, é de uma representação relativa a um enredo e parece que nós somos volta e meia isso, um grande enredo onde a gente tem que dar conta dessas alegorias que as alas parece que não se comunicam muito bem mas que quando você vê o enredo todo passando ela faz um grande sentido, né? Como é que a gente pode ser violento e ter uma democracia

racial? Pode justamente por isso, o jeitinho brasileiro tem a ver com futebol, com esse corpo ou todos esses clichês de certa forma eles vão se construindo em camadas, mas ao mesmo tempo eles funcionam muito bem-postos um do lado do outro para o bem e para o mal.

Carlos Andreazza [Editor]

É possível ver o Brasil numa alegoria de escola de samba. O que é, por tanto, uma estrutura muito frágil, ferragens moldadas, reaproveitadas de outros carnavais, uma estrutura precária de madeira sobre a qual, no entanto, você coloca tudo.

Heloísa Starling [Historiadora]

Que cara tem o Brasil, né? Se eu olho para a história ele tem uma cara libertária, ele tem uma cara republicana, ele... Mas tem uma cara escravagista violenta, corrupta, racista, mas ele também tem uma cara generosa, sabe, a... Que qualquer... Como é que eu vou pensar uma única? Não tem! Ele é isso, ele é essa, essa, essa... E essa coisa que nunca vai ser apreendida numa definição literal. Você pensar no Drummond o Drummond dizia: “Essa parte de mim fora de mim”, né: “Que me persegue”.

Renato Lessa [Filósofo político]

O segredo para entender um pouco a vida social tem a ver com essas tentativas que as sociedades diferentes fazem de se representarem a si mesmas como dotadas de sentido e não apenas como um a... Um conjunto prático de, de pessoas que interagem fazendo... Na economia, na política e em outras atividades. Eu acho que é exatamente nessa passagem do povo enquanto dimensão demográfica e um povo enquanto dimensão expressiva do ponto de vista cultural é que a discussão de identidade ganha sentido, né. No Brasil isso é muito complexo porque a... Que dizer, aonde é que nós não construímos identidade comum? Através da política, quer dizer, a política não se configurou na experiência brasileira como alguma coisa que nos distinguisse e a ideia brasileira é um pouco como o Torquato dizia, quer dizer, a gente tem sempre um pouco a impressão de uma geleia em que as posições são intercambiáveis e nós macunaimicamente e mimeticamente nós trocamos de lado, nos abraçamos, nos separamos, não há marcadores.

Muniz Sodré [Sociólogo]

O povo brasileiro ficou com uma espécie de enigma, quer dizer, é como se fosse uma esfinge que olhasse para o território, para o Estado, dizendo: “Me decifra, você me decifra senão eu vou te devorar”.

Maurício Lissovsky [Historiador]

A identidade nacional brasileira, digamos, é tão frágil que ela tem que viver de fragmentos, quer dizer, pelo menos eu encaro essas características como um frag... Fragmentos, né? Se você compara, por exemplo, com os mexicanos, né, que existe uma... Todo país onde a identidade tem uma força existe uma angústia relacionada a isso, o brasileiro não tem nenhuma angústia em relação à sua identidade nacional porque ela se resolve nesses pequenos fragmentos, nesses deta... Alegria, carnaval, futebol, está resolvido, é um conjunto de sintomas ou de sintomas ou de sinais.

Paulo Sérgio Duarte [Crítico de arte]

Eu acho que pode pensar o Brasil como uma extensão de território que abriga as pessoas, que re... Pode receber bem as pessoas e que tem fronteiras nacionais, que é uma nação, mas a questão da identidade é que não, é que não vigora porque essa identidade é múltipla! Como é que eu vou cobrar de um nissei ter a mesma identidade de um sertanejo! Agora, ele é menos brasileiro o nissei porque é filho de japonês, é menos brasileiro do que o sertanejo que nasce lá em Pombal, por exemplo?

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

Mas um dos desafios essa miscigenação, desses sincretismos e desse caminho histórico é que talvez ele tenha sido um processo violento para todos nós e que essa violência deixa traumas e deixas vazios que ainda nos perturbam. Talvez por isso o brasileiro não se sinta tão bem no seu corpo, na sua casa, no seu país, no seu espaço e a gente insista em procurar referências externas.

Antonio Risério [Antropólogo]

Nada do que chegou aqui permaneceu puro nem inteiro tudo se misturou. Eu acho que a hibridez, a mestiçagem, a mistura, a zona de fronteira, essas flutuações, o nomadismo nisso é muito mais interessante do que o apartheid.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Os americanos não gostam muito da ideia de mestiçagem, lá eles definem muito mais, como diz o Caetano Veloso: “Negro é negro, bran... Branco é branco e a mulata não é a tal”. Então lá o multiculturalismo ele se aferrou, ele nasce nos Estados Unidos porque para o ra... Para o pensamento americano é muito importante definir as fronteiras, mas elas se chocam com a nossa formação brasileira que está ligada à mestiçagem e a mestiçagem não encontra lugar nessas defesas mais fundamentalistas das identidades.

Ynaê Lopes dos Santos [Historiadora]

Você tem de fato uma série de processos de miscigenação na história brasileira, mas quando ela vira a identidade nacional aí você tem um estado nacional brasileiro pegando essa característica que está fundamentada numa violência primeira e tirando esse caráter violento e trazendo essa, essa harmonia pacifista ine... Na verdade mítica, né?

Thula Pires [Direito Constitucional]

Como é que a gente lê a miscigenação? Miscigenação que foi durante o racismo científico identificado como o grande mal e a grande impossibilidade de progresso e de evolução, de evolucionismo para o Brasil passou a ser recodificada a partir dos anos 30 como sendo, né, o, o elemento de unidade nacional sem mexer nas hierarquias não houve efetivamente mistura, houve a junção de elementos mas uma junção hierarquizada de elementos de cada uma dessas raças, de cada uma dessas culturas, de cada uma dessas cosmovisões.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

O mito da, da... Da cordialidade brasileira, o mito das três raças que convivem harmonicamente, o mito que é muito fundado na elaboração do sentido que é dada à guerra de expulsão dos holandeses quando você tem lá o negro Henrique Dias, o índio Felipe Poti Camarão e o branco André Vidal de Negreiros se abraçando para expulsar o invasor é a ideia desse encontro harmônico entre as três raças, isso está muito presente, quando a rigor esse encontro de harmônico não tem coisa nenhuma é um encontro que

se fundamenta na base da violência, do cacete, da espoliação, mas que paradoxalmente é capaz de produzir uma cultura potente, belíssima e tremendamente original.

Kaká Werá [Escritor]

Havia aqui centenas de civilizações, vamos chamar civilizações, porque eram organizações sustentáveis que tinha sua língua própria, governança própria, sua economia própria, sua... Suas crenças próprias, percebe que o Brasil ancestral já a via como uma das práticas, conhecer o diferente e se relacionar com o diferente, com a alteridade. Para os antigos tupiniquim quando você possibilitava que um outro povo tivesse uma pessoa do seu mesmo sangue isso era um sinal de fortalecimento do povo, a miscigenação para os tupiniquim não era um sinal de enfraquecimento do povo era sinal de um fortalecimento do povo.

Guillermo Guicci [Historiador]

Podemos pensar que as culturas latino-americanas são derivadas desse hibridismo. Temos muitos exemplos do que significa um pouco a vida bicultural, a dupla herança, ser de dois lugares, pertencer a duas tradições. Identidade significa o incorporado com uma diferença, não se trata de uma coisa anterior, autêntica, existente, nós desconfiamos de todo essencialismo e antropofagia seria uma boa expressão disso. Incorporar tudo de forma não essencial.

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

Se nós pensarmos no Manifesto Antropófago, o Manifesto Antropófago possui na... No seu texto, nos seus aforismos uma tensão muito interessante e que nós poderíamos dizer uma vocação antropológica e uma determinação histórica. Na famosa frase do Manifesto diz Oswald: “Só me interessa o que não é meu, lei do homem, lei do antropófago”. Se eu só me interesse pelo que não é meu eu não posso constituir identidade estável.

M. D. Magno [Psicanalista]

Há uma diferença extrema entre ser macaco de, de imitação e ser vira-lata, né? A gente pode fuçar todas as latas de lixo e, aproveitar tudo que a gente quer lá de dentro e transformar em outra coisa. Isso não é... Isso não é macaquice, a macaquice é quando você pega exatamente o que o outro fez e quer ser aquilo. Aquilo não é seu!

Jeanne Marie Gagnebin [Filósofa]

E o que eu acho fantástico nesse país é que a gente pode ter em uma das identidades e a identidade sempre é definida em oposição ao outro, isso é beabá da filosofia. Eu acho que a gente tem que se livrar disso, o Brasil é uma boa terra para não termos mais essa... Esse, esse complexo identitário quase, eu defendo quase uma Teoria Queer no Brasil, entende? Não precisa dizer necessariamente de maneira claríssima um pouco rígida que que é brasilidade.

Lorenzo Mammi [Crítico de Arte]

No Brasil de maneira muito forte sempre essa questão de se definir como nação como se essa definição nunca, nunca chegasse e talvez esteja... Estejamos no momento que já se definir como nação nem é mais um problema para ninguém, porque talvez o próprio conceito de nação tenha... Esteja fadado a desaparecer, se tornar estrito demais ou ligeiro demais pela circulação das informações.

Fausto Fawcet [Escritor e compositor]

Você tem é que surfar no caos, você tem que olhar o mundo como um quadro de Bosch e dentro disso o Brasil é um ponto terrivelmente privilegiado. É sublime no sentido aquele rasco de sublime, aquela... É o terrível que faz com que você tenha um enlevo, você tenha medo e tenha entusiasmo ao mesmo tempo, pelo menos para mim encaro dessa forma essa localidade de ficção científica trash chamada Brasil.

Renato Lessa [Filósofo político]

A interpretação do passado, como é que nós, como é que nós acontecemos, como é que nós fomos formados, na verdade são recuos que nós fazemos para, para movimentos retrospectivos em grande medida ficcionais e tem... E muito marcados por... Pelo que nós desejamos, quer dizer, as crenças têm um papel fundamental nisso. Então a, a discussão sobre o nosso passado edênico ou não ela foi sujeita também a várias interpretações e, primeiro, quer dizer, nós fomos... A, a grande interpretação que se faz é interpretação que os europeus na altura, século XVI, vão fazer eles mesmos a respeito do que que é, do que que é isso que está sendo descoberto, que está sendo incorporado ao processo de expansão europeia.

Fred Coelho [Historiador]

Por que o Brasil? Porque o Brasil tem essa costa maravilhosa desse tamanho, porque o Brasil tem essas águas, porque o Brasil tem a Floresta Amazônica, porque o Brasil tem dados naturais tão, tão contrários, tão radicalmente contrários ao que era uma Europa entrando já numa era que desembocaria na industrialização, entrando já numa era de uma série de controles e reivindicações ligados a um Estado moderno, que é claro que a descoberta de um território como o brasileiro ou como o que viria a ser o Brasil naquele momento com uma população que naquela época foi vista não como inimiga mas como infantil, onde a sua relação física e subjetiva com a natureza era dada sem filtros, digamos assim, do corpo nu, de uma integração com o território natural em que para a mentalidade daquele período era praticamente incompreensível, é a fundação, e aí sim eu acho que isso tem muito a ver com o que a gente está conversando, automática de um mito edênico. O Brasil sempre ou algum de muito tempo visto isso tem a ver com a questão de promessa de futuro, isso tem a ver com a questão da alegria, isso tem a ver com a questão do corpo no Brasil que é essa ideia de um grande Éden aberto, aberto ao contrário do Éden privado que é o Éden por exemplo do Mayflower.

Contardo Calligaris

Para o americano do Norte ele, ele, ele tinha a impressão de que chegava um lugar onde podia se afirmar mas contra a natureza que era fundamentalmente hostil, o que, o que os peregrinos chamam de wildeness é um lugar de onde tem bichos, onde faz um frio do cacete. Aqui é totalmente diferente, aqui nós chegamos e essas primeiras ideias que isso não era o paraíso terrestre, mas tinha fortes chances de ser aquele continente onde ele originalmente estava situado, então por isso que os papagaios falam, porque fugiram do paraíso terrestre donde todos os bichos falavam e o que significa que no meio do Brasil em algum lugar deve ter o paraíso terrestre.

Guillermo Guicci [Historiador]

A importância do paraíso na... Nessas crônicas é inicialmente uma forma de associação, o paraíso aparece associado desde o tema bíblico a riquezas, abundância, a, a lugar onde a pessoa realmente tem facilidades e essa associação que é importante no momento de mencionar o paraíso. Vamos pensar no contexto do Século XVI inicialmente, a natureza está à disposição mas não só a natureza os animais, os seres humanos estão à disposição do dominador. Então temos que aproveitar o máximo que for possível dessas forças.

Mauríssio Lissovsky [Historiador]

O lugar da natureza, por exemplo, no imaginário brasileiro sempre foi esse lugar de transbordamento e nesse sentido esse contraste tradicionalmente no Brasil sempre foi o contraste entre, entre a história e a geografia, quer dizer, a geografia era sempre excessiva e a história era sempre carente.

Muniz Sodré [Sociólogo]

A natureza aqui no Brasil ela integrou as estratégias de Estado brasileiro para legitimar, digamos, a soberania sobre certos espaços e, portanto, ela aqui entrou com uma estratégia identitária do Estado e esse eu diria que é um ponto à parte, é uma singularidade, quer dizer, é oficialmente o discurso oficial fazer da natureza via Amazônia um, digamos, um elemento, um recurso identitário para o Estado brasileiro, portanto mais para o Estado do que para, para a nação.

João Cezar de Castro Rocha [Ensaísta]

Então a ideia de que a natureza define o Brasil tanto pelo lado positivo de um lado quanto por um lado negativo é uma ideia que acompanha o Brasil desde sempre. Nós pensamos na natureza apenas como pujança, como exuberância, como potência de futuro mas nem sempre foi assim. Já se viu a natureza brasileira como um impedimento à civilização porque precisamente pela sua exuberância ela não permitiria a indústria, ela não permitiria o trabalho continuado, a disciplina necessária. Então a natureza no Brasil tem dupla visão, ela tanto pode ser a promessa de um futuro que nunca chegou quanto pode ser o impedimento para que esse futuro chegue, porque tão abundante a terra por que a disciplina do trabalho! Por fim, a natureza na cultura brasileira tem outra finalidade, a finalidade é mais uma vez nos afastar da história porque se nos apegamos à beleza da paisagem, se falamos da praia como um espaço democrático esquecemos que tão logo os corpos saiam da praia, tão logo pisem no calçadão todas as hierarquias sociais são restabelecidas.

Giovana Xavier [Historiadora]

Quais são as implicações que essa estrutura desigual gera? Quais são os lugares que ela, que ela produz? E a gente não... A gente se prende ao... A gente se não quer ver o que o encontro produz a gente quer falar só do encontro.

Laura de Mello e Souza [Historiadora]

O que que faz do Brasil, Brasil! Todos queriam a continuidade da escravidão, então o que se meta o Brasil é que... Porque não é o Brasil os ingleses só usam the brasils, no plural, do século XVIII, do século XIX na correspondência diplomática todas essas negociações da, da transmigração da família as fontes inglesas, se você ler as fontes inglesas está sempre no plural: os brasis. Então a concepção é de que são várias partes, o que dá unidade para o Brasil é a escravidão! Escravidão é geral todas as elites querem escravidão, seja na Amazônia, seja em Pernambuco, seja... As vozes que se levantam contra a escravidão são individuais.

Muniz Sodré [Sociólogo]

Ora, o que acontece no Brasil é que o, o império português deu ao Brasil Estado, ideia de Estado, isto é, de nação também mas não deu de povo, quer dizer, o império acaba sem que se tenha a ideia com a noção de um povo estruturado, quer dizer, o ser brasileiro é um enigma de natureza cultural, é um, é um enigma de, basicamente, de fundo cultural.

Luiz Antônio Simas [Historiador]

E parece que como o campo das instituições, como o campo da política institucional, como o campo das formalidades ele é um campo minado e ele é um campo de exercício de um projeto de exclusão social há um deslocamento para outros campos que se estabelecem no lúdico, na festa, na fresta, onde você inventa formas de ter um exercício muito peculiar de cidadania!

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

Cultura popular brasileira foi o lugar onde a experiência brasileira conseguiu realizar tudo aqui que a experiência socioeconômica política brasileira não realizou. Tudo aquilo que há de conservador, de dominação, de espoliação de uma classe sobre outras no nível socioeconômico político no nível da cultura popular se revelou invertido à revelia desses projetos oficiais institucionais conservadores e exploradores.

Renato Lessa [Filósofo político]

A ideia de identidade no meu ponto de vista ela tem a ver com a adesão, com a identificação com alegorias, com mitos, com crenças, com expectativas, algo que nós acrescentamos à nossa, à nossa experiência de vida, e a nossa sempre passou por um lado mais imaginário, mais projetivo, quer dizer, a dimensão lúdica, a dimensão um tanto quanto hedonista, quer dizer, a gente tem... A memória musical brasileira é muito mais forte que a memória política, está certo que você pergunta: “Em quem vocês votaram nas... Há duas eleições atrás?”, as pessoas não sabem mas a gente sabe os sambas todos, as marchas de carnaval, os, os enredos de escola de samba. Tanto existe essa, essa dimensão hereditária que está... Essas várias dimensões hereditárias que eu acho que são plurais, são variadas e tem a ver com essa recolha assistemática de, de, de fragmentos que estão colocados no, no plano da cultura, no plano, no plano da vida e não no plano da política.

Silviano Santiago [Escritor e ensaísta]

É o único país que depois da independência, única nação americana que depois da independência constituiu uma massa crítica de intérpretes do Brasil extraordinária! Então existe uma reflexão constante sobre o Brasil que é feita pelos nossos melhores intelectuais.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Você encontra grandes obras do modernismo, talvez as mais importantes elas trazem a preocupação com a identidade nacional e ao mesmo tempo questionam! Macunaíma é um livro que se pergunta sobre o que que é o brasileiro e ao mesmo tempo é um livro que não consegue chegar a nenhuma formulação. Estou lendo o Antônio Calado em Kuarup que formula ainda, olha só, nos anos 60, no final dos anos 60, o problema da identidade nacional e acaba encontrando a identidade nacional num formigueiro, o centro do Brasil num formigueiro de que você não pode se aproximar. O que moveu esses... Essas figuras a pôr o problema da identidade foi uma espécie de sentimento da falta de identidade, né, então eles, todos eles ao longo dos anos 20 e depois começaram a pesquisar quais são os elementos que devem afinal compor um retrato do brasileiro e eles tiveram caminhos muito diferentes! O Mário de Andrade teve um caminho, o Oswald de Andrade teve outro, o Gilberto Freyre teve outro, o Sérgio Buarque outro, o Glauber Rocha outro, o Joaquim Pedro outro, o Hélio Oiticica outro.

Renato Lessa [Filósofo político]

A gente por vezes tem a sensação de que nós somos ricos, inteligentes, criativos pra caramba na, na dimensão aqui debaixo, das nossas interações espontâneas e, e na geleia geral. Geleia geral é produtiva, ela é... Mas quando a gente vai para, vai para a política é impressionante como a imaginação fenece, o vocabulário diminui. Evidentemente que isso não é uma, uma, uma característica inata nossa, quer dizer, essa despolitização, essa, essa rarefação do vocabulário, do conhecimento político, do discurso político ela tem a ver também com o modo pelo qual a política se apresenta para o país. Não são os nossos defeitos enquanto sociedade que explicam a política que nós temos eu acho que é o contrário, a política que nós temos historicamente que tem configurado um povo no qual a política, a política não tem centralidade, não tem relevância, a vida aqui embaixo tem mais relevância, nós temos que nos virar aqui embaixo.

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

Quando é que a gente vai parar para refletir a respeito da nossa história? De repente nos libertar desses constructos, dessas alegorias que estão feitas ali para manter essas estruturas em pé e nos... E abirmos um pouco essa paisagem para criar a possibilidade de criar estruturas.

Eduardo Jardim [Filósofo]

É na política que se experimenta essa novidade, né, é, é a vida política que traz a possibilidade de que em conjunto e publicamente a gente possa inventar alguma coisa, isso não tem história que nos predetermine. Então se a gente está vivendo uma crise da história essa crise da história pode ser favorável ao aparecimento da novidade política.